Humor cor-de-rosa

O sucesso das mulheres quando o assunto é fazer rir

Bianca Rothier, Daniela Pereira, Marianna Taborda e Marina Izidro

HA! HA! HA! HA! HA! HA! HA! HA!

Já virou lugar comum dizer que as mulheres alcançaram uma posição na sociedade que antes parecia impossível. Não interessa aqui questionar se o espaço ocupado por elas já é suficiente ou ainda é insuficiente, o que importa é a concretização de certos fenômenos incompatíveis com séculos anteriores. Um deles é o crescimento do humor feminino.

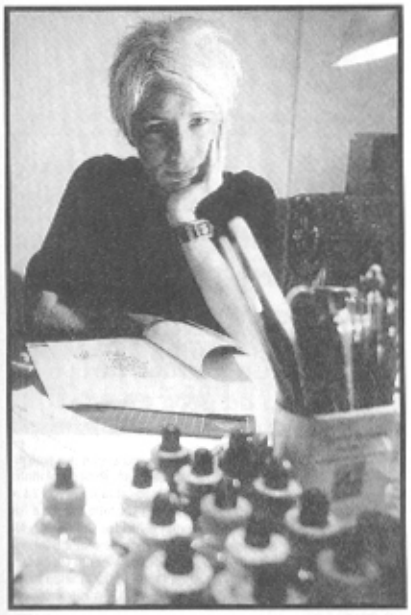
Mas, o que é o humor feminino? Apenas aquele feito por mulheres? Não necessariamente. Miguel Paiva é um bom exemplo, com a sua *Radical Chic*. Ele conseguiu criar uma personagem que gera grande identificação entre as mulheres. No entanto, naturalmente, elas são as mais indicadas para brincar com assuntos que fazem parte do seu próprio universo, como sexo, homens, dieta, malhação, consumo, tensão pré-menstrual e, até mesmo, a inveja que algumas mulheres sentem das outras. Assim, elas se auto-ironizam, além de implicar com os homens, é claro.

> **"As mulheres, em geral, são iguais no mundo inteiro. Ocorrem-nos coisas mais ou menos iguais, embora com algumas variações culturais. Sofremos e nos alegramos pelas mesmas coisas. Temos uma escala de valores semelhante, relacionada com o universo dos afetos."**
>
> **Maitena, chargista argentina**

Então, esse tipo de humor só interessa às mulheres? Também não. Os homens estão assistindo a peças, comprando livros e navegando em *sites* especializados que lhes dêem algum acesso à intimidade feminina. Não é à toa que páginas da internet como *Banheiro Feminino* são tão acessadas por homens. Seu conteúdo trata de uma das grandes curiosidades masculinas: o que as mulheres falam no banheiro.

O sucesso deste tipo de humor não é um fenômeno que acontece só no Brasil. A argentina Maitena, de 39 anos, é uma das maiores chargistas de seu país. Ela trata do universo feminino, tendo como alvo mulheres de 15 a 50 anos, solteiras, casadas, divorciadas, amantes, filhas e mães.

Além da publicação diária no jornal La Nación, um dos mais importantes do país, seu trabalho já atravessou fronteiras e nos últimos anos se afirmou com grande repercussão em países como Espanha, França, Itália, Chile, Venezuela, Porto Rico, México e Uruguai. Por enquanto, ainda falta o mercado brasileiro, mas essa espera não deverá ser longa: "Adoraria publicar meus trabalhos no Brasil", diz ela. "Conheço bem a mulher brasileira."



A argentina Maitena tem seu trabalho publicado em 10 países

Para Maitena, o mais importante em seu trabalho é mostrar o mundo feminino com um olhar da mulher: "As mulheres, em geral, são iguais no mundo inteiro. Ocorrem-nos coisas mais ou menos iguais, embora com algumas variações culturais. Sofremos e nos alegramos pelas mesmas coisas. Temos uma escala de valores semelhante, relacionada com o universo dos afetos", afirma.

Falando em humor feminino

Foi em conversas sobre suas desilusões pessoais, que as amigas Jô Hallack, Nina Lemos e Raq Affonso começaram a ver graça nas desgraças de suas vidas e tiveram a idéia de escrever o livro e o site *Guia da mulher superior – Almanaque 02 neurônio*. É uma espécie de coletânea de textos e dicas de como uma mulher do século XXI deve atuar em situações como amor, decepções amorosas, dieta, sexo, passando, claro, pelo principal tema abordado, os homens. Mas, eles não são os únicos motivos de chacota, porque elas mesmas riem de suas próprias manias estranhas.

Pelos títulos dos textos: "Vivendo sem cozinhar e sem lavar", "A mulher inferior", "Os homens mentem, as mulheres acreditam", "Dicas sexuais", "Nunca confie numa revista feminina", "O guia da barraqueira chique", "Eu acredito em quase gays", entre outros, podemos perceber que não se trata de uma abordagem feminista, e sim feminina dos temas, mostrando o lado engraçado que toda mulher tem. Elas não têm pudores para falar de sexo e chegam a usar termos chulos, freqüentes em grupos de humoristas homens como o Casseta & Planeta.

> **"Somos morenas classudas e nosso objetivo é falar de amor, sexo e revidar as piadas masculinas."**
>
> **Cláudia Valli, mentora do grupo Grelo falante**

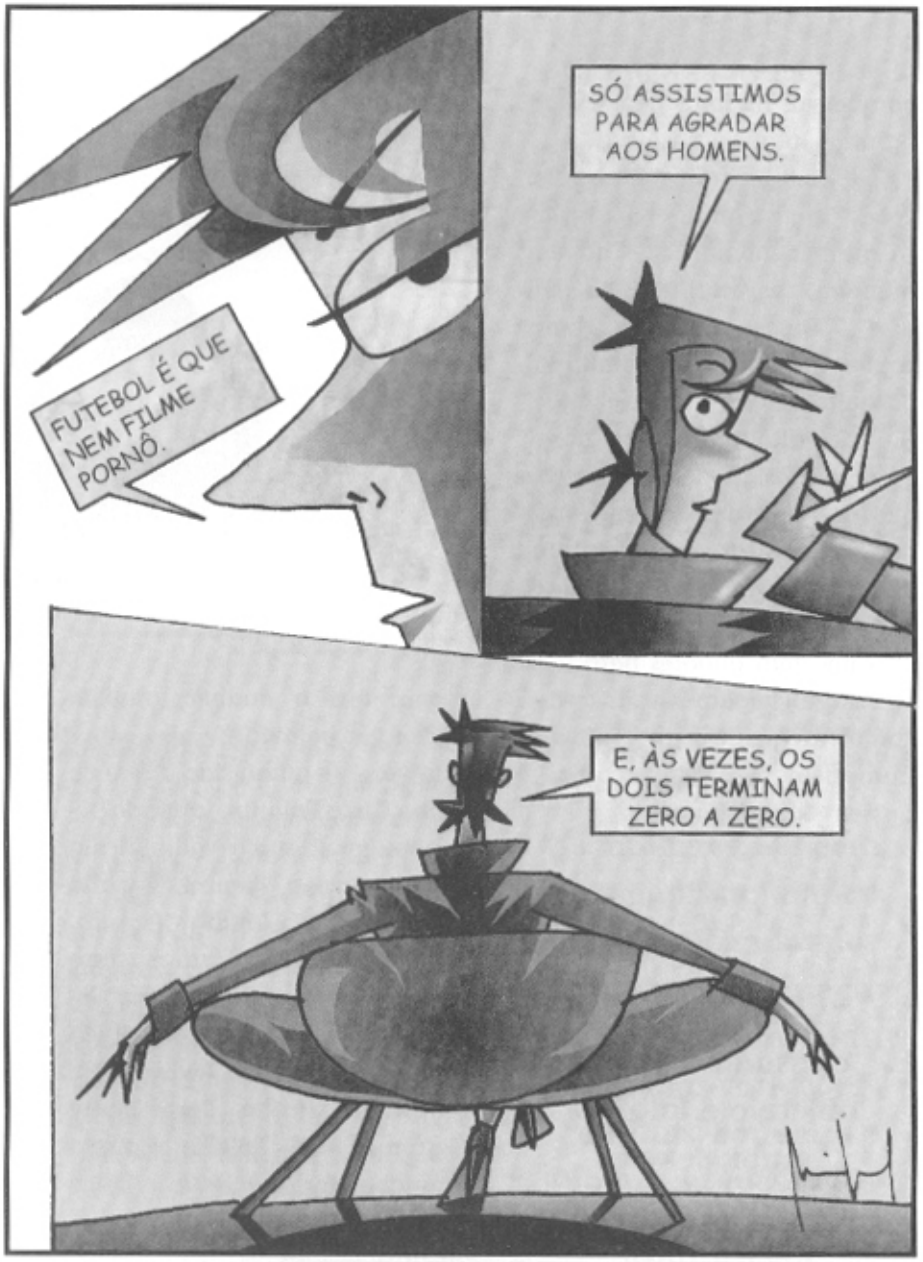
Por mais que algumas humoristas não reconheçam, sua atuação tem um gostinho de vingança, como se respondessem a anos de piadas machistas. Mas isso pode levá-las a cair em algumas arapucas. Ao tentar combater o estigma de sexo frágil, elas podem errar a mão nas piadas grosseiras, como se quisessem provar que a mulher também pode falar palavrão.

Mulheres são parecidas no mundo inteiro

Talvez este tenha sido o erro do grupo Grelo Falante, formado pelas amigas Cláudia Valli, Lucília Assis, Carmen Frenzel, Suzana Abranches e Cláudia Ventura. Elas não conseguiram sucesso com o programa humorístico *Garotas de programa*, que foi exibido semanalmente pela Rede Globo, reunindo Marília Pêra, Betty Goffman, Zezé Polessa, Camila Pitanga, Mariana Hein e Drica Morais no elenco.

Consideradas o "Casseta & Planeta de saias", as meninas do Grelo Falante foram apresentadas ao diretor José Lavigne pelo grupo dos rapazes, de quem recebiam a supervisão durante a realização do roteiro do programa.

"Era cedo, fizemos elas darem um passo maior que a perna", justificou Bussunda, lembrando que a experiência televisiva do seu grupo foi gradativa. Primeiro eram só dez minutos no *TV Pirata*, depois quadros no *Fantástico* e um programa mensal antes de virar semanal.



A criação de Miguel Paiva trata do universo feminino

O grupo foi criado em 1998, época em que as garotas lançaram um tablóide de humor feminino batizado de *O grelo falante* (trocadilho entre o personagem do clássico Pinóquio e uma gíria para clitóris). Naquele momento, as meninas não imaginavam que uma publicação quase caseira, com tiragem de 10 mil exemplares distribuídos gratuitamente em *points* culturais do Rio de Janeiro, pudesse gerar novas oportunidades.

O fracasso na televisão não significou o insucesso de outros projetos. Elas possuem um *site* na internet em que, além de fazer graça, falam sobre suas realizações, como os livros *Tapa de humor não dói: a hora e a vez das mulheres gozarem* e *Tomaládacá, o grande livro das relações*, ambos publicados pela Editora Objetiva. E levaram seu humor também para o teatro, escrevendo a atuando na peça *Conversa privada*. No espetáculo, que, segundo elas, torna público tudo aquilo que é privado, as atrizes falam sobre assuntos íntimos, sentadas em vasos sanitários (os únicos elementos do cenário, além do fundo vermelho).

"Somos morenas classudas e nosso objetivo é falar de amor, sexo e revidar as piadas masculinas", explica Cláudia Valli.

"Elas querem se ver, para se entender e achar o lugar delas."
Ingrid Guimarães, atriz e autora da peça *Cócegas*

E por falar em teatro...

Também é indispensável lembrar da peça *Cócegas*, que conquistou o público e lotou as salas de teatro. Escrita e encenada por Ingrid Guimarães e Heloísa Perissé, estreou em maio de 2001 no Teatro Cândido Mendes. Além de ter sido escrita a quatro mãos, *Cócegas*, possui, inusitadamente, vários diretores. Luis Carlos Tou-

"VISITE"

02 NEURÔNIO: www.02neuronio.com.br
O GRELO FALANTE: www.ogrelofalante.com.br
BANHEIRO FEMININO: banheirofeminino.globo.com
CÉREBRO FEMININO: www.cerebrofeminino.cjb.net

rinho, Marcelo Saback, Aloísio de Abreu, Régis Faria e Sura Berditchevsky dirigem a dupla durante os oito momentos da peça: "Perua de Deus", "Professora de Ginástica", "Adolescente", "Cachorras", "Mulher em chamas", "Fantasia", "Maricson" e "Modelo anoréxica". Na opinião de Ingrid, o principal elemento de ligação da peça com o público feminino é a identificação. "O humor é uma maneira mais crítica de olhar a vida. Mostra os defeitos, as inseguranças, mas de uma forma divertida. As mulheres se identificam e se perdoam, pois vêem que seus sentimentos são comuns. Elas querem se ver, para se entender e achar o lugar delas", explica a atriz.

Já faz algum tempo que Ingrid Guimarães compartilha suas experiências sobre o universo feminino. No início dos anos 90, ela participou da peça *Confissões de adolescente*, da qual era co-autora junto com a atriz Maria Mariana. O espetáculo fez um enorme sucesso entre os jovens, contando os desafios das próprias atrizes no início da adolescência, e rendeu a Ingrid o Prêmio Cantão de Teatro Jovem.

A peça *A.M.I.G.A.S.*, que estreou no Rio de Janeiro em 1999, foi outro exemplo de humor feminino bem sucedido. Escrita por Cláudia Melo, foi feita por encomenda do produtor Rick Nogueira, adaptada por Duda Ribeiro e teve direção de Cristina Pereira. No elenco estavam Ernesto Piccolo, Luana Piovani, Mary Scheyla, Bebel Lobo e Fernanda Rodrigues.

Sem compromissos - a começar pelo título: *A.M.I.G.A.S.*, ou *Associação das Mulheres Interessadas em Gargalhadas, Amor e Sexo* – as personagens atacavam os homens, procurando entendê-los. A verdade é que as moças de hoje ainda acreditam no amor e têm como maior queixa a mesma que as gerações anteriores: para os homens, a mulher que tem vários relacionamentos consecutivos é "vagabunda", enquanto que o rapaz que tem vários casos simultâneos é o "bambambam". Produções como esta mostram que a geração pós-feminismo ainda vive em um mundo com valores exatamente iguais aos das suas avós. Exceto no que diz respeito ao bom humor.

Livro dá dicas de como as mulheres devem agir

O que pensam as moças do Grelo falante

- **Maridos: "Mal necessário ou bem desnecessário? Tem vários usos."**
- **Absorvente íntimo: "Ainda usamos toalhinhas! OB é uma coisa muito íntima. Quer dizer 'Olha o Barbantinho!!!'"**
- **Estilo da Feiticeira: "Ela é loura, credo! Deve ter dente cariado. Por isso usa aquele véuzinho."**
- **Milene e Ronaldinho: "Eles estão batendo um bolão: enquanto ela fica embaixadinha, ele fica enciminha."**
- **Parte do corpo que detestam: "O cérebro. Não, o baço."**